

Língua Portuguesa

As questões 01 a 05 estão relacionadas ao texto abaixo transcrito.

(14 de março de 1885) (em Crônicas selecionadas: antologia, 2ª edição – São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra-prima de cada autor; 279). Trata-se de texto escrito por Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, poeta, romancista e teatrólogo brasileiro.

Trago aqui no bolso um remédio contra os capoeiras. Nem tenho dúvida em dizer que é muito superior ao célebre Xarope do Bosque, que fez curas admiráveis e até milagrosas, até princípios de 1856, decaindo em seguida, como todas as coisas deste mundo. A minha droga pode dizer-se que tem em si o sinal da imortalidade.

Agora, principalmente, que a guarda urbana foi dissolvida, entregando ontem os reflexos, receiam alguns que haja uma explosão de capoeiragem (só para os moer), enquanto que outros creem que a substituição da guarda é bastante para fazer recuar os maus e tranquilizar os bons. Não de perdoar-me: eu estou antes com o receio do que com a esperança, não tanto porque acredite na explosão referida, como porque desejo vender a minha droga. Pode ser que haja nesta confissão uma ou duas gramas de cinismo; mas o cinismo, que é a sinceridade dos patifes, pode contaminar uma consciência reta, pura e elevada, do mesmo modo que o bicho pode roer os mais sublimes livros do mundo.

Vamos, porém, à droga, e comecemos por dizer que estou em desacordo com todos os meus contemporâneos, relativamente ao motivo que leva o capoeira a plantar facadas nas nossas barrigas. Diz-se que é o gosto de fazer mal, de mostrar agilidade e valor, opinião unânime e respeitada como um dogma. Ninguém vê que é simplesmente absurda.

Com efeito, não duvido que um ou outro, excepcionalmente, nutra essa perversão de entranhas; mas a natureza humana não comporta a extensão de tais sentimentos. Não é crível que tamanho número de pessoas se divirtam em rasgar o ventre alheio, só para fazer alguma coisa. Não se trata de vivissecção, em que um certo abuso, por maior que seja, é sempre científico, e com o qual só padece cachorro, que não é gente, como se sabe. Mas como admitir tal coisa com homem e fora do gabinete?

Bastou-me fazer esta reflexão, para descobrir a causa das facadas anônimas e adventícias, e logo o medicamento apropriado. Veja o leitor se não concorda comigo?

Capoeira é homem. Um dos característicos do homem é viver com o seu tempo. Ora, o nosso tempo (nosso e do capoeira) padece de uma coisa que poderemos chamar – erotismo de publicidade. Uns poderão crer que é achaque, outros que é uma recrudescência de energia, porque o sentimento é natural. Seja o que for, o fato existe, e basta andar na aldeia sem ver as casas, para reconhecer que nunca esta espécie de afecção chegou ao grau em que a vemos.

Sou justo. Há casos em que acho a coisa natural. Na verdade, se eu, completando hoje cinquenta anos, janto com a família e dois ou três amigos, por que não farei participante do meu contentamento este respeitável público? Embarco, desembarco, dou ou recebo um mimo, nasce-me um porco com duas cabeças, qualquer caso desses pode muito bem figurar em letra redonda, que dá vida a coisas muito menos interessantes. E, depois, o nome da gente, em letra redonda, tem outra graça, que não em letra manuscrita; sai mais bonito, mais nítido, mete-se pelos olhos dentro, sem contar que pessoas que não de ler, comprar as folhas, e a gente fica notória sem despender nada. Não nos envergonhemos de viver na rua; é muito mais fresco.

Aqui tocamos o ponto essencial. O capoeira está nesta matéria como Crébilon em matéria de teatro. Perguntou-se a este, por que compunha peças de fazer arrepiar os cabelos; ele respondeu que, tendo Racine tomado o céu para si e Corneille a terra, não lhe restava mais que o inferno em que se meteu. O mesmo acontece ao capoeira. Não pode distribuir mimos espirituais, ou drogas infalíveis, todos os porcos nascem-lhe com uma cabeça, nenhum meio de ocupar os outros com a sua preciosa pessoa. Recorre à navalha, espalha facadas, certo de que os jornais darão notícias das suas façanhas e divulgarão os nomes de alguns.

Já o leitor adivinhou o meu medicamento. Não se pode falar com gente esperta; mal se acaba de dizer uma coisa, conclui logo a coisa restante. Sim, senhor, adivinhou, é isso mesmo: não publicar mais nada, trancar a imprensa às valentias da capoeiragem. Uma vez que se não dê mais notícia, eles recolhem-se às tendas, aborrecidos de ver que a crítica não anima os operosos.

Logo depois a autoridade, tendo à mão algumas associações, becos e suspensórios ainda sem título, entra pelas tendas e oferece aos nossos Aquiles uma compensação de publicidade. Vitória completa: eles aceitam o derivativo, que os traz ao céu de Racine e à terra de Corneille, enquanto as navalhas, restituídas aos barbeiros, passarão a escanhoar os queixos da gente pacífica. *Ex fumo dare lucem.*

01. Qual o tema central do texto?

- A) As curas milagrosas do xarope do bosque;
- B) Nascimento de porcos com duas cabeças;
- C) O valor científico da maldade;
- D) Exaltação a Racine e Corneille;
- E) A violência da capoeiragem.

02. Para alguns, segundo o texto, qual o motivo da possível explosão da capoeiragem?

- A) Substituição da guarda municipal;
- B) Viver na Rua;
- C) Não tomar xarope do bosque;
- D) Falta de estudo científico;
- E) Vontade fazer o bem.

03. Qual a definição de cinismo, segundo o autor?

- A) Falta de verdade;
- B) A sinceridade dos patifes;
- C) Mentira necessária;
- D) Verdade relativa;
- E) Mentira para não magoar as pessoas.

04. No entendimento do autor, o ponto essencial para os capoeiras recorrerem à navalha e facadas estava na certeza de:

- A) Terem suas façanhas abafadas pela polícia;
- B) Terem seus nomes divulgados pelos vizinhos;
- C) Terem suas façanhas e alguns nomes divulgados nos jornais;
- D) Terem suas famílias protegidas pela imprensa;
- E) Serem elogiados pelas autoridades.

05. Qual o medicamento sugerido, no texto, para combater a violência dos capoeiras?

- A) Publicar, com destaque, as brigas dos capoeiras;
- B) Aplicar sedativo no xarope dos mais violentos;
- C) Não publicar na imprensa as valentias da capoeiragem;
- D) Promover seminários sobre o tema;
- E) Determinar horário para os capoeiras irem às ruas.

06. Preencha os espaços em branco das frases a seguir craseando **corretamente**.

• Peguei ___ (a, à) caneta ___ (a, à) direita e escrevi ___ (a, à) poesia de abertura do livro.

• Roberto e Mariano foram ___ (a, à) escolinha de nataçãõ rever ___ (as, às) amigas Clara e Rosa.

- A) À, à, à, a, às;
- B) A, à, à, a às;
- C) A, à, a, à, as;
- D) À, a, a, à, as;
- E) A, à, à, à, as.

07. Assinale a alternativa cujas palavras em destaque na frase, estão acentuadas **corretamente**, de acordo com a nova regra ortográfica da língua portuguesa.

- A) O **médico** cura o corpo, a **clínica estética** a beleza, esperemos que **dêem** a Deus o amor da alma;
- B) O **médico** cura o corpo, a **clínica estética** a beleza, esperemos que **dêem** a Deus o amor da alma;
- C) O **medico** cura o corpo, a **clínica estética** a beleza, esperemos que **dêem** a Deus o amor da alma;
- D) O **médico** cura o corpo, a **clínica estética** a beleza, esperemos que **deem** a Deus o amor da alma;
- E) O **medico** cura o corpo, a **clínica estética** a beleza, esperemos que **deem** a Deus o amor da alma;

08. Indique a alternativa cujo emprego da vírgula está **correto**.

- A) Queremos tomara, Deus, acertar na loteria esportiva;
- B) Queremos, tomara Deus, acertar na loteria esportiva;
- C) Queremos tomara Deus, acertar, na loteria esportiva;
- D) Queremos tomara, Deus acertar, na, loteria esportiva;
- E) Queremos tomara, Deus, acertar, na loteria, esportiva.

09. Indique a alternativa cuja classificação das palavras em destaque, pela ordem que aparecem na frase a seguir, está **correta**.

• O **discente** daquela escola, é para **mim** o **mais** estudioso da **turma**.

- A) Advérbio, pronome, adjetivo, substantivo;
- B) Substantivo, adjetivo, advérbio, pronome;
- C) Adjetivo, pronome, advérbio, substantivo;
- D) Substantivo, advérbio, adjetivo, pronome.
- E) Pronome, advérbio, substantivo, adjetivo.

10. Indique a alternativa cuja figura de pensamento é o eufemismo:

- A) O Senador, digo a Senadora, proferiu belo discurso;
- B) Quando a vaca tossir faremos excelentes provas de aramaico;
- C) O carro de Ayrton Senna voava nas pistas de Interlagos e Ímola;
- D) São Paulo vive um momento de uso racional de água, segundo seu governador;
- E) Como goleiro é um excelente arquiteto.

Conhecimentos Específicos

Variedades del español hablado en América: una aproximación educativa

La primera pregunta que cabe hacerse es si existe una realidad lingüística homogénea en Hispanoamérica. Evidentemente no existe, como no existe un español peninsular único y homogéneo. En el español hispanoamericano hay diferencias, a veces notables, que sin embargo no llegan a ser tan profundas como para impedir la comprensión entre los hablantes de los distintos países. Hablamos de diversidad dentro de la unidad. Para entender el español hablado en Hispanoamérica, no sólo hay que tener en cuenta las diferencias lingüísticas de los distintos países y de las regiones que configuran estos; es preciso observar diferencias que tienen que ver con el nivel sociocultural de los hablantes, diferencias diastráticas, o con el tipo de población, zonas rurales y urbanas, hablantes monolingües o bilingües, pues estos son factores que inciden, sin duda, en la variación lingüística. En este sentido, las normas lingüísticas populares de diferentes regiones tienen mayor diferenciación entre sí que las normas cultas de esas mismas regiones. El factor cultural, y en especial la escolarización, es un elemento nivelador que influye en la homogenización de las lenguas. (...)

Existen además factores históricos que permiten explicar la diversificación dialectal del español americano, como la procedencia de los contingentes de población que colonizaron el continente americano y su distribución regional.(...)

La influencia de las lenguas amerindias en las áreas de bilingüismo histórico son también un factor de diferenciación importante, como veremos. Por otra parte, la propia evolución de las variedades de español americanas han contribuido a enriquecer la diversidad del español americano, principalmente en la lengua oral popular. Las más estudiadas son las de carácter léxico y semántico, lo que no quiere decir que no haya también diferencias morfosintácticas. Pongamos algún ejemplo que ilustre las diferencias léxicas. En México podemos escuchar a alguien la frase siguiente: vio el carro de bomberos y se paró en la banqueta, que en español peninsular correspondería a 'vio el coche de bomberos y se quedó de pie en la acera' o pon la cajeta en la cajuela, güerito 'mete el dulce de leche en el maletero del coche, rubito'. Igualmente podemos oír en Argentina si querés comprar una pollera, tomá esta vereda y a las tres cuadras entrá en un negocio que tiene las vidrieras regrandes, esto es, 'si quieres comprar una falda, ve por esta acera y a las tres manzanas entra en una tienda que tiene los escaparates muy grandes'. (...)

En definitiva, el español hablado en América se muestra como un extenso complejo de variedades dialectales que contribuyen a enriquecer la lengua española.

ALCAINE, Azucena Palacios Alcaine. Asesado en:05 de marzo de 2015. Disponible en:
https://www.uam.es/personal_pdi/filoyletras/alcaine/UIIMP.pdf.

11. El artículo trata de la variación lingüística en dos grupos lingüísticos separados por límites geográficos. Abajo encontramos algunos ejemplos léxicos de esta variedad frente al peninsular en los ejemplos:

- I. El carro de los bomberos. / El coche de los bomberos.
- II. Juan paró en la banqueta. / Juan se paró en la acera.
- III. La pollera es más alegre. / La falda es más alegre.
- IV. ¡Que chévere! / ¡Que bonito!

- A) I, II y III.
- B) I, II y IV.
- C) I, II, III y IV.
- D) I y III.
- E) I y II.

Variación lingüística

Se entiende por variación lingüística el uso de la lengua condicionado por factores de tipo geográfico, sociocultural, contextual o histórico. La forma como los hablantes emplean una lengua no es uniforme, sino que varía según sus circunstancias personales, el tiempo y el tipo de comunicación en que están implicados. En función del factor que determina el distinto empleo de una misma lengua, se consideran varios tipos de variaciones: la variación funcional o *diafásica*, la variación sociocultural o *diastrática*, la variación geográfica o *diatópica* y la variación histórica o *diacrónica*.

Con el nacimiento de la sociolingüística en los años 50 y 60 del siglo XX se destaca la importancia de la variación lingüística, si bien la dialectología o geografía lingüística ya había abordado en el siglo XIX el estudio de los dialectos o variedades *diatópicas*. En el caso del español, por ejemplo, son numerosos los trabajos que muestran la variedad dialectal dentro la unidad lingüística y cultural que caracteriza el español de ambos lados del Atlántico. También son tradicionales los trabajos filológicos sobre historia de la lengua que describen la variación que ha experimentado un idioma a lo largo de los siglos. Por su parte, los estudios en análisis del discurso destacan la proyección de la situación en la forma que adquiere un texto: su objeto de estudio es precisamente el uso lingüístico determinado por las variables contextuales.

De todos modos, los estudios que interrelacionan los distintos tipos de variedades se desarrollan en el marco de la sociolingüística. La investigación empírica en este campo ha dado lugar al denominado *variacionismo* o *sociolingüística cuantitativa urbana* (Labov), rama que estudia la variación lingüística asociada a factores sociales que se dan en un hablante o en una comunidad de hablantes. En el análisis variacionista se parte del concepto de *variable lingüística* como unidad de análisis. Una *variable lingüística* es una unidad de la lengua (fónica, léxica, gramatical, discursiva) en cuya realización difieren los hablantes según variables sociales del tipo edad, sexo, nivel sociocultural, lugar de origen o grado de instrucción. Por otro lado, en la moderna sociolingüística se produce un cierto cambio en la percepción y la explicación de la *variación diatópica*: de concebir la lengua como un sistema propio de una determinada área geográfica, del que se derivarían los usos de las otras áreas, se habría pasado a la conciencia de la *variación diatópica*, que implica concebir todas las realizaciones lingüísticas como *dialectos* o variedades geográficas de una misma lengua.

Asesado en: 05 de marzo de 2015. Disponible en:

http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/diccio_ele/diccionario/variacionlinguistica.htm

12. Señale las corresponde entre las variedades diatópicas y apunte la alternativa **correcta**:

1. Cuadra	A. Piso
2. Departamento	B. Ordenador
3. Computadora	C. Conducir
4. Durazno	D. Melocotón
5. Carro	E. Manzana
6. Manejar	F. Coche

- A) 1,C - 2,A - 3,B - 4,D - 5,F - 6,E
B) 1,D - 2,A - 3,B - 4,E - 5,F - 6,C
C) 1,E - 2,D - 3,B - 4,A - 5,F - 6,C
D) 1,E - 2,A - 3,B - 4,D - 5,C - 6,F
E) 1,E - 2,A - 3,B - 4,D - 5,F - 6,C

Duerme duerme ***negrito***
que tu mama está en el campo ***negrito***
Duerme duerme ***negrito***
que tu mama está en el campo ***negrito***
Te va a traer codornices para ti
te va a traer rica fruta para ti
te va a trae carne de cerdo para ti
te va a traer muchas cosas para ti
y si el negro no se duerme
viene el diablo blanco y !zaz!
le come la ***patita*** chacapumba,
chacapumba, chacapumba, chacapumba,
chacapumba, chacapumba.

Duerme duerme ***negrito***
que tu mamá está en el campo ***negrito***
Trabajando, trabajando duramente trabajando sí
trabajando y no le pagan trabajando sí
trabajando y va tosiendo trabajando sí
trabajando y va de luto trabajando sí
pa'l negrito chiquitito trabajando sí
pa'l negrito chiquitito trabajando sí
va de luto sí
va tosiendo si
duramente

Duerme duerme negrito
que tu mama está en el campo negrito
Duerme duerme negrito
que tu mama está en el campo negrito.

Yupanqui, Atahualpa. Asesado en: 04 de marzo de 2015. Disponible en: <http://www.cifras.com.br/cifra/atahualpa-yupanqui/duerme-negrito>.

13. En la lengua española es diminutivo puede señalar que el sujeto quiere disminuir un objeto o persona designada – de manera despectiva o no - o mismo indicar una intención emotiva o apelativa. En los casos abajo apunte la opción que no tiene ninguna de estas dos intenciones:

- A) El Manolito Gafotas es um libro estupendo para trabajar con niños y jovens.
- B) Aquel náufrago de la leyenda se subió a un islote en medio del mar.
- C) En este cuentito de Cortazár se encuentra la llave de la vida.
- D) Si buscas a André, lo encontrará en el pasillo.
- E) Ahorita voy a llamarle.

LA MURALLA

Para hacer esta muralla,
tráiganme todas las manos:
los negros, sus manos negras,
los blancos, sus blancas manos.
Ay,
una muralla que vaya
desde la playa hasta el monte,
desde el monte hasta la playa, bien,
allá sobre el horizonte.
—¡Tun, tun!
—¿Quién es?
—Una rosa y un clavel...
—¡Abre la muralla!
—¡Tun, tun!
—¿Quién es?
—El sable del coronel...
—¡Cierra la muralla!
—¡Tun, tun!
—¿Quién es?
—La paloma y el laurel...
—¡Abre la muralla!
—¡Tun, tun!
—¿Quién es?

—El alacrán y el ciempiés...
—¡Cierra la muralla!
Al corazón del amigo,
abre la muralla;
al veneno y al puñal,
cierra la muralla;
al mirto y la hierbabuena,
abre la muralla;
al diente de la serpiente,
cierra la muralla;
al ruiseñor en la flor,
abre la muralla...
Alcemos una muralla
juntando todas las manos:
los negros, sus manos negras,
los blancos, sus blancas manos.
Una muralla que vaya
desde la playa hasta el monte,
desde el monte hasta la playa, bien,
allá sobre el horizonte...

GUILLÉN, Nicolas. *La paloma de vuelo popular*, en *Obra poética 1920-1972*, La Habana, Instituto Cubano del Libro, 1972.

14. Sobre el uso del discurso directo e indirecto en el poema, señale la opción **correcta**:

- A) El poema mezcla el discurso directo con indirecto.
- B) En el poema de Guillén trabaja apenas con el estilo indirecto.
- C) El poema de Guillén fue hecho con descripciones de los hechos en el pasado.
- D) En el fragmento “—¡Tun, tun! —¿Quién es?—la paloma y el laurel...—¡Abre la muralla!—¡Tun, tun!”, encontramos el uso del discurso directo.
- E) En otro fragmento “—¡Tun, tun!—¿Quién es?—Una rosa y un clavel...—¡Abre la muralla!—¡Tun, tun!”, pasado para el estilo indirecto, relatado en presente, sería “Alguien golpea a la puerta de la muralla y hace un ruido: tun,tun. El que está dentro pregunta (que) quién es. El de afuera contesta que son una rosa y un clavel, y el de adentro ordena que se abra la muralla.”

15. Dentro de los sintagmas nominales abajo uno no presenta el determinante destacado. Señala la opción donde no encontramos este unidad marginal:

- A) **Mi** hijo está alegre.
- B) **Aquel** señor es colombiano.
- C) **Dos** chicas han entrado.
- D) Es una persona **así**.
- E) ¿**Qué** noticia traes?

16. Analizando los sintagmas presentados, podemos señalar que la opción que apunta correctamente las partes y sus respectivas unidades son:

- I. ¡Qué preciosidad! – Sintagma nominal independiente: interjección.
- II. Mentir trae dolores de cabeza – Sintagma verbo-nominal con núcleo del Sintagma verbal “trae”.
- III. El pobre está escondido - Sintagma verbo-nominal con “estar”, con predicado verbal y el atributo “escondido”.
- IV. Rita y Carlos son argentinos legítimos - Sintagma verbo-nominal, con predicado nominal , sujeto compuesto (Rita y Carlos) y atributo (argentinos legítimos).

- A) I, II, III y IV.
- B) I, II, III.
- C) I, II y IV.
- D) I y II.
- E) III y IV.

Transoceanica

Jorge Drexler

Voy en este vuelo transoceánico
oyendo tus versos melancólicos,
dejando que el sonido de tu voz
te traiga, así,
del modo más enérgico.

Me regalaste tus somníferos,
me diste tu oráculo sintético,
extraño método
de ahogar la sed, aquí,
lejos de tu lágrima.

Y uno no recuerda
hasta qué punto

nació para eso,
ni todo el amor
al que puede tener
acceso.

Nada parece pasar página
a este anhelo,
todo menos lánguido.
¿Cuál es la lógica de que se
abra para mí
tu boca tan magnífica?

Dame calma y dame vértigo,
ven a llenar mis pocas horas lúcidas,
extraño método
de ahogar la sed, aquí,
lejos de tu lágrima.

Fuente:http://letras.mus.br/jorge-drexler/797724/?domain_redirect=1

17. Apunte la opción que tiene todas las palabras esdrújulas:

- A) Lánguido – Sed – Lejos
- B) Lánguido – lágrima – Mí
- C) Lánguido – Método – Abra
- D) Aquí – Lánguido – Página
- E) Método – Lánguido – Lúcidas

18. En cuál de las opciones abajo las palabras siguen esta clasificación según la sílabas tónicas:

1. Esdrújula 2. Llana o Grave 3. Aguda

- A) Máximo – fácil – así .
- B) Fórmula – fácil - difícil.
- C) Fácil – así – difícil.
- D) Mayoría – fácil – máximo.
- E) Máximo – fácil – fórmula.

Aura, Carlos Fuentes

—Buenas tardes.

La joven inclinara la cabeza y la anciana, al mismo tiempo que ella, remedara el gesto.

—Es el señor Montero. Va a vivir con nosotras.

Te moverás unos pasos para que la luz de las veladoras no te ciegue. La muchacha mantiene los ojos cerrados, las manos cruzadas sobre un muslo: no te mira. Abre los ojos poco a poco, como si temiera los fulgores de la recamara. Al fin, podrás ver esos ojos de mar que fluyen, se hacen espuma, vuelven a la calma verde, vuelven a inflamarse como una ola: tu los ves y te repites que no es cierto, que son unos hermosos ojos verdes idénticos a todos los hermosos ojos verdes que has conocido o podrás conocer. Sin embargo, no te engañas: esos ojos fluyen, se transforman, como si te ofrecieran un paisaje que sola tu puedes adivinar y desear.

—Sí. Voy a vivir con ustedes.

FUENTES, Carlos. Aura. Acezado: 08 de marzo de 2015. Disponible en:
http://brasilha.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos_fuentes_aura.pdf

19. De acuerdo con la lectura de parte de la novela de Fuentes, puede decirse que:

- A) En la casa vivían apenas la señora.
- B) Los tres personajes ya llevan viviendo juntos muchos años.
- C) En la casa vivían además de la señora y la joven una empleada.
- D) El señor Montero se fija en los ojos de la joven.
- E) El señor Montero y la joven estaban de noviazgo y la señora no lo sabía.

Borges y la paradoja de la centralidad

por Domingo-Luis Hernández

En una sutil nota del «Prólogo» a *Elogio de la sombra* (del año 1969), Jorge Luis Borges escribe lo siguiente: «Deliberadamente escribo *psalmos*. Los individuos de la Real Academia Española quieren imponer a este continente sus incapacidades fonéticas; nos aconsejan el empleo de formas rústicas: *neuma*, *sicología*, *síquico*. Últimamente se les ha ocurrido escribir *vikingo* por *viking*. Sospecho que muy pronto oiremos hablar de la obra de Kipling».

Nosotros sospechamos que los conocimientos de lingüística de Borges no son tan rudos ni que piense de verdad que los conocimientos de lingüística de los miembros de la Academia Española de la Lengua son tan parciales como para reducir al capricho o a la ignorancia la *castellanización* de palabras de otros idiomas, aportados por la tradición o por la actualidad. En todo caso, capricho es no concederle rango de distinción canónica antes de la imposición por el uso; e ignorancia de los hablantes que (en todas las fronteras del idioma) se resisten a consultar diccionarios de otras lenguas para fijar el uso de los vocablos que hereda o incorpora.

Creo, sin embargo, que esta pequeña maldad de Borges es interesante para recuperar el hilo de una discordia, que es también otra de las contradicciones del genial escritor argentino. (...) Jorge Luis Borges es y será un referente de la escritura de la lengua. Desde luego, su reflexión sobre las posibilidades del castellano como lengua literaria merecen un detallado y experto análisis. Borges confesó, casi al final de su vida, que transmitir la música del idioma (como plantó Dante en el mundo la música del italiano, Goethe la música poética del alemán, Garcilaso la música del renacimiento italiano en castellano, o Darío la música del simbolismo francés) sería un verdadero motivo de permanencia en la historia de una literatura. Dijo que lo intentó, pero que destruyó los tres o cuatro ejemplos que su ingenio le permitió componer. Tarea dura de la praxis poética, que sin embargo es apreciable. Borges lo repite: confiamos en el material sonoro de una lengua y en la posibilidad de su combinación exclusiva, sustancial, íntima, propia... Digamos que las palabras tienen alma; en la unión poética, música.

La hipótesis por resolver sería la hipótesis de la singularidad borgesiana, probada en su excepcionalidad. Pero es imprescindible convencernos de otra cosa: la excepcionalidad de Jorge Luis Borges está fundada en la reflexión predicha: escritor en un idioma que compartimos muchos millones de hablantes, y no sólo los hablantes de número de la Real Academia Española de la Lengua. Luego, la hipótesis (y eso es lo que señala Borges) no puede estar fundada en la exclusividad periférica. Jorge Luis Borges discute esa rémora en toda su trayectoria personal y ensayística.

Indudablemente, hablamos de la esencia de la *criollidad*, que es la paradoja que define nuestro ser idiomático y el ser periférico (o por ser más exactos, el principio de fronteridad que forja lo americano después de los movimientos de España a finales del siglo XV).

En la polémica de mediados de los años de 1940 de Jorge Luis Borges con don Amado Alonso (fundador de un instituto extraordinario de estudios lingüísticos en Buenos Aires y que continuó doña Ana María Barrenechea) está ese principio. Lo que don Amado Alonso interpretaba como norma culta del idioma (en la ecuación general del español), a Borges le interesaba leer como insulto. El asunto, sin embargo, no puede interpretarse como separación (en el sentido en el que lo interpretó Sarmiento frente a Bello), más bien habría de atribuírsele el valor que tan bien supo captar don Miguel de Unamuno: la heterogeneidad nos define, y no recurramos al tópico (político) de la Madre Patria. Es decir (como Unamuno también subrayó), a pesar de las excentricidades, Sarmiento es una pieza esencial del debate; Borges apura, incluso: de pensar la patria argentina.

Don Amado Alonso no leyó correctamente las disposiciones de Borges, y no recomendó a principios de los años 50 la contratación del escritor argentino por una Universidad Norteamericana (Wellesley) por considerarlo «un enemigo profesional de la literatura española». Y ése es el corazón de la torpeza central.

Jorge Luis Borges (como criollo) es un doble. Y la conciencia de la criollidad merece un dictamen sustantivo: El lugar que se ocupa en el espacio y en la historia de una cultura no puede ser juzgado apriorísticamente. En ese fallo reside la mala lectura (incluso argentina) de un texto fundamental: «El escritor argentino y la tradición», de Jorge Luis Borges. A diferencia de lo que algunos críticos subrayan (también en fechas muy recientes) Borges no excluye elementos de tensión patrióticos (v.gr., en relación a *Martín Fierro*) ni elementos del idioma. Borges, como pensador y como escritor, sitúa. Por ejemplo, sitúa la verdadera faz del *Martín Fierro*, en su paradoja de la primera y de la segunda parte. Borges piensa esa pieza excepcional de Hernández y discute la epopeya (de parte de su admirado Lugones) para afirmar que es un artificio culto y ciudadano, como toda la poesía gauchesca. Por lo tanto, lo ideológico es tan básico en su cuerpo textual como la proyección decidida, en el uso de la lengua en la literatura, por los poetas verdaderamente populares, aun la medida de sus imposibilidades.

El resultado es dos cosas que conviene situar convenientemente: Una, ser escritor es mucho más que ser ciudadano de un país castellanoparlante de América. Dos, ser un ciudadano convencido de ser y actuar en un país castellanoparlante de América es afirmar una condición, que es la marca trágica del destino: un criollo, un doble en proyección. Lo primero es un útil de Jorge Luis Borges; esto es, el «ser buenos o tolerables escritores».

Lo que está en *El escritor argentino y la tradición* (y en otros muchos, evidentemente) es un valor que (por desgracia) pasa desapercibido: lo central interpretado como crisis. En un ensayo de *Criticar al crítico*, T. S. Eliot enuncia uno de los efectos: el peso de la tradición hace pesado y poco móvil el cuerpo textual del centro. Lo contrario (en las literaturas de frontera) da resultados no sólo considerables sino también excepcionales. Por referir ejemplos evidentes: El Modernismo, las Vanguardias... son excepcionalidades recurrentes e hijos imprescindibles de las fronteras del idioma. Y Borges es excepcional, por esa carga reflexiva y por su convicción (eficaz) de pensar la literatura como fenómeno universal (y en todos los sentidos: Borges lector, Borges ensayista, Borges narrador, Borges poeta).

(...)En fin: El procedimiento de Borges es paradójico, como no puede ser de otro modo: Paternal hacia adentro; hijo airado y parricida hacia el centro de la tradición.

Acezado en 08 de marzo de 2015, Disponible en <http://cvc.cervantes.es/actcult/borges/esparge/05e2.html>

20. Tras la lectura del texto apunte como verdadero o falso y señala la opción que corresponde a la secuencia **correcta**:

- I. El texto trata de exponer como Jorge Luis Borges intentaba relacionar el viejo al nuevo, contraponiendo la cuestión de la lengua/literatura.
 - II. Jorge es un gran lingüista ya que estudio las cuestiones del lenguaje de manera exhaustiva, sea por medio de ensayos, periódicos o mismo de poesía. Lo que intenta es discutir, del punto de vista lingüístico el concepto de criollidad.
 - III. La oposición de Amado Alonso a Borges es natural, ya que Borges señala la llave para pensar América como espacio de frontera. Y en el cual la lengua/literatura debe ser un espacio de universalidad.
- A) Solo I es verdadera.
B) Solo II es verdadera.
C) Solo III es verdadera.
D) I y II son verdaderas, ya III es falsa.
E) I y III son verdaderas, y II es falsa.

Viaje a la semilla

Alejo Carpentier

III

Los cirios crecieron lentamente, perdiendo sudores. Cuando recobraron su tamaño, los apagó la monja apartando una lumbre. Las mechas blanquearon, arrojando el pabilo. La casa se vació de visitantes y los carruajes partieron en la noche. Don Marcial pulsó un teclado invisible y abrió los ojos.

Confusas y revueltas, las vigas del techo se iban colocando en su lugar. Los pomos de medicina, las borlas de damasco, el escapulario de la cabecera, los daguerrotipos, las palmas de la reja, salieron de sus nieblas. Cuando el médico movió la cabeza con desconsuelo profesional, el enfermo se sintió mejor. Durmió algunas horas y despertó bajo la mirada negra y cejuda del Padre Anastasio. De franca, detallada, poblada de pecados, la confesión se hizo reticente, penosa, llena de escondrijos. ¿Y qué derecho tenía, en el fondo, aquel carmelita, a entrometerse en su vida? Don Marcial se encontró, de pronto, tirado en medio del aposento. Aligerado de un peso en las sienes, se levantó con sorprendente celeridad. La mujer desnuda que se desperezaba sobre el brocado del lecho buscó enaguas y corpiños, llevándose, poco después, sus rumores de seda estrujada y su perfume. Abajo, en el coche cerrado, cubriendo tachuelas del asiento, había un sobre con monedas de oro.

Acezado en 08 de marzo de 2015. Disponible en:
http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/esp/carpen/viaje_a_la_semilla.htm

21. Elije la opción destacada que no presenta significado parecido a la palabra propuesta:

- A) “salieron de sus **tinieblas**” – oscuridad.
- B) “desperezaba sobre el **brocado**” – misterio.
- C) “en el medio del **aposento**” – cuarto.
- D) “aquel carmelita” – monje.
- E) “se hizo **reticente**” – reservada.

22. Los verbos abajo que presentan irregularidad en la raíz en el Pretérito Indefinido son:

- A) Venir – Hacer – Decir.
- B) Caber – Tener – Ir.
- C) Haber – Ir – Caber.
- D) Tener – Poner – Dar.
- E) Saber – Dar – Poner.

*Hoy la tierra y el cielo me sonrén;
hoy llega al fondo de mi alma el sol;
hoy la he visto ..., me ha visto y me ha mirado.
¡Hoy creo en Dios!
[Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1871)]*

23. Los versos del poeta utilizan un tiempo verbal que expresa acciones pasadas que guardan alguna relación con el presente o que tienen alguna relación con un pasado próximo. Para componer este tiempo se utilizó el verbo “haber” + Participio. Apunte abajo una alternativa que trae el participio pasado en su variante irregular:

- A) El Juez ha soltado los ladrones.
- B) La situación del niño ha afligido a todos.
- C) No han incluso el nombre del alumno en el acta.
- D) Me he despertado temprano el lunes.
- E) Los curas han bendecido una boda.

24. En los ejemplos abajo se destaca las perífrasis verbales y sus relaciones de sentido y señala la opción que establece la **correcta** correspondencia.

- I. Date prisa, Gustavo está por salir. - Acciones muy próximas.
 - II. Paramos de publicar esta revista. - Obligación.
 - III. Volveré a llamarlo- La supresión de una acción.
 - IV. El avión debe de partir a las diez. - Duda
 - V. Thereza echó a llorar cuando no vio a Henrique. - Una acción repentina.
- A) I, II y III.
B) II y III.
C) I, IV y V.
D) I, III y IV.
E) II, III, IV y V.

25. Señala la opción que no trae una locución adverbial de modo:

- A) Me hizo el café de muy **mala gana**.
B) **A menudo** se oyen noticias de su amigo.
C) **De vez en cuando** sale a comer.
D) Lo hizo **a la francesa**
E) Sabe **de memoria** los poemas de Vicente Huidobro.

26. En las frases abajo seleccione la que tiene las formas verbales mejores empleadas.

- A) - Por favor, ¿Para ir a la Biblioteca Nacional María Moreno?
Mire, usted segue todo recto, luego gira a la derecha en calle Austria.
- B) - Por favor, ¿Cómo vamos a la farmacia qué está en Avenida Las Heras?
- Usted seguen todo recto unos cien metros, y después van hacia el otro lado, cruzando la calle.
- C) - Por favor, ¿Para ir a la Biblioteca Jorge Luis Borges?
Mire, tú sigues todo recto, luego va pasar por El Ateneo, tú giro a la derecha ya estará cerca.
- D) - ¡Buenos! ¿La plaza Francia?
- Sí... ¡Buenos! Sigue todo recto 50 metros, gira a tercera calle a mano izquierda y luego a la derecha.
- E) - Perdona, ¿El Cementerio de Recoleta?
- Pues, usted gira a la derecha y segue todo recto.
- Seguimos hasta aquella panadería, después a la derecha y vamos recto. ¡Gracias!
- ¡De nada!

27. Elige la opción en el que la forma verbal en Pretérito Perfecto Simple sea empleada de la manera **correcta**.

- A) Gustavo foi a Colonia el mes pasado. Le encantó todo, pero tuve que hacer un plan de viaje.
B) Henrique y Tereza tuvieron una fiesta linda y su luna de miel fue en Santiago de Chile.
C) El señor y la señora Souza tuvieron un cumpleaños demasiado caro, fueron a la Playa de San Francisco y de allí a Buenos Aires.
D) Bruno hizo su boda en la playa, pero Carla tuvo ganas de hacer en la catedral.
E) Sávio y Ana fueran a Salvador de Bahia y tuvieron allí dos hijos.

Vuela, pensamiento, y diles
A los ojos que te envió
Que eres mío.

Celosa el alma te envía
Por diligente ministro,
Con poderes de registro
Y con malicias de espía;
Trata los aires de día,
Pisa de noche las salas
Con tan invisibles alas
Cuanto con pasos sutiles.

Vuela, pensamiento, y diles
A los ojos que te envió
Que eres mío.

GÓNGORA, Luis de . Disponible <http://www.poemas-del-alma.com/luis-de-gongora-vuela-pensamiento-y-diles.htm#ixzz3UBX8Snwo>.

28. Apunta la alternativa que no presenta la misma irregularidad del verbo destacado:

- A) Nosotros volamos el jueves pasado.
B) Mientes tan bien que no hay como no creer en ti.
C) En el fin de semana suelen ir al campo.
D) Recuerdo muchas cosas del colegio. ¿Y tú?
E) ¿Por qué no probáis esta comida?

EL ENVEJECIMIENTO

Es un proceso biológico que forma parte de la vida. Se inicia en el momento del nacimiento y cronológicamente se envejece al cumplir años. El ser humano llega a la madurez y alcanza la plenitud de su vida cuando sus facultades físicas (agilidad, resistencia) y sus facultades intelectuales (análisis, astucia, habilidades, pensamiento, conocimiento, etc.) se encuentran en perfecto equilibrio. El momento en el que una de estas facultades se comienza a perder, se inicia el proceso de envejecimiento. Este cambio se produce de manera imperceptible y muy lenta, evidenciándose cuando no se pueden realizar algunas tareas de la misma forma que se realizaban antes. Hay que diferenciar entre envejecimiento cronológico y envejecimiento patológico. El envejecimiento cronológico viene marcado por la fecha de nacimiento: es la vista cansada, la pérdida de oído, los dolores, el enlentecimiento motor..., todos esos “achaquillos” que trae consigo la edad. Por otro lado está el envejecimiento patológico, que es cuando aparece una enfermedad. Este envejecimiento no tiene que ver con la edad cronológica (el cerebro puede envejecer de forma independiente del resto del cuerpo) y, por ejemplo, se puede dar una demencia en personas que, por edad, podrían estar activas laboralmente. Puede haber jóvenes de 70 años y viejos de 45.

Hay que destacar el enorme salto que se da entre la edad denominada adulta y el inicio de la época llamada vejez. Este salto provoca una desestabilización de las personas mayores (sin olvidar que se trata de personas mayores sanas, sin demencia): de repente se ven sin obligaciones, pierden su rol de “autoridad paterna” al independizarse los hijos, no tienen una actividad laboral en la que puedan reconocer y demostrar su valía, tienen que llenar un montón de horas a lo largo del día, no conocen (o no están acostumbrados) los recursos que hay en la comunidad donde residen y se ven con menos ganas de salir a divertirse porque “ya no están para esas cosas”. Esto es muy duro. Un factor muy importante a tener en cuenta es que, a la velocidad que se están llevando a cabo los cambios sociales y ambientales, a las personas mayores les resulta muy difícil asimilarlos física y emocionalmente, provocándoles sentimientos negativos que les llevan, muchas veces, a desarrollar enfermedades.

Hoy, asistimos a un envejecimiento de la sociedad sin precedentes. Sin embargo, este notable incremento de edad no se debe a que la vejez se haya postergado, sino a que el hombre ha podido controlar su medio ambiente, disminuyendo notablemente la muerte prematura. Estudios de historia permiten afirmar que en la Antigua Roma el promedio de vida sólo alcanzaba los 22 años. Esta corta expectativa de vida se mantuvo muchos siglos, ya que hasta hace apenas 150 años las posibilidades de vida al nacer eran aún de 30 años. Ha sido en el último siglo cuando todo ha cambiado: hoy la probabilidad de vida en el mundo, como promedio, alcanza los 65 años y, en algunos países desarrollados, ya se están alcanzando los 80 años.

España no escapa a este nuevo cambio, y se calcula que será el país de la Unión Europea con mayor proporción de jubilados (35,6%) y menos personas en edad de trabajar (52,9%) sobre el total de la población en el año 2050. Viviremos en una sociedad en la que una de cada tres personas tendrá más de 65 años, por lo tanto hay que buscar nuevos caminos para propiciar la interacción entre generaciones. La cohesión social entre jóvenes y mayores será una prioridad en las soluciones que se aporten al desafío del envejecimiento poblacional. Hay que encontrar una manera de seguir apoyando a las personas mayores sin considerarlas una carga para la sociedad. Para conocer el enfoque desde el que deben intervenir o trabajar las personas que rodean al enfermo de Alzheimer, es muy importante saber cuál es el punto de partida más habitual en el que se encuadra la enfermedad: una edad avanzada (aunque cada vez aparecen casos más jóvenes) y una serie de dificultades provocadas no sólo por la edad, sino por el concepto social de las personas mayores.

Texto adaptado. Disponible en:

http://www.juntadeandalucia.es/educacion/portal/com/bin/Contenidos/PSE/participacion/guiasfamilias/20131030_ProyectoEscolarAlzheimer/1383140890980_guxa.pdf

29. En el texto podemos decir que:

- A) Trata de un tipo de envejecimiento.
- B) Expone por lo menos dos tipos de envejecimiento.
- C) Propone la existencia de tres tipos de vejez: el cronológico, el patológico y el social.
- D) El pasaje de la vida adulta a la vejez es gradual dado al avance tecnológico.
- E) España está libre de la inversión demográfica, su población es mayormente adulta.

El análisis del discurso argumentativo

Para un análisis correcto de un texto argumentativo como, por ejemplo, un artículo periodístico de opinión, debemos entender el texto como una unidad coherente y cohesionada que admite diferentes niveles de análisis. En un texto argumentativo, lo primero que llama la atención es el carácter subjetivo, ya que el sujeto que enuncia, de una u otra manera está expresando una opinión. Este carácter subjetivo puede ser rastreado en el léxico seleccionado, del que emanan una serie de connotaciones, en la adjetivación valorativa, en ciertas apelaciones, y se disemina en una serie de argumentos. Pero esa subjetividad y las opiniones del sujeto van siempre dirigidas a un destinatario concreto o, mejor aún, a un hipotético destinatario con un supuesto horizonte ideológico.

El emisor, el sujeto que enuncia, crea a ese lector ideal con una configuración cultural e ideológica determinada, es decir, dirige su texto para alguien concreto. Esto resulta más claro en el caso de la publicidad, ya que la promoción publicitaria de un determinado producto se hace siempre pensando en el sector de la población al que éste va dirigido, pero también se observa con facilidad en los artículos de opinión, ya que no existe ningún medio de comunicación objetivo, todos ellos, periódicos, agencias de información, cadenas de televisión o páginas web, presuponen una determinada configuración ideológica que viene dada, generalmente, por los inversores mayoritarios de cada una de ellas y, además, poseen un lector tipo al cual se dirigen con claridad, por ejemplo, en los editoriales de los periódicos.

La objetividad, por lo tanto, en un texto argumentativo, no puede ser más que apariencia de objetividad, una estrategia retórica más entre las que caracterizan el entramado argumentativo, tales como los diferentes tipos de argumentos a los que puede recurrir el sujeto o la diferente estructuración que un texto argumentativo puede tener para apuntalar su propia opinión y para llegar de un modo directo o periférico a influir en la opinión del destinatario,

Un texto argumentativo posee, por lo tanto, una estructura argumentativa más o menos visible, sencilla o clara. Para un análisis correcto de un texto argumentativo debemos entender la estructura de su argumentación y, para ello, inmersos en el juego de lo explícito y lo implícito, tenemos que fomentar la capacidad de discriminación entre los alumnos de los enunciados más importantes desde un punto de vista estructural. Pero, primero, es necesario saber cuáles son los elementos fundamentales de toda argumentación.

Según Socorro Claudia Tavares de Sousa y Bernardete Biasi-Rodrigues, pertenecientes al grupo de investigación PROTEXTO, el texto argumentativo, parafraseando a J. P. Adam, debe poseer, por lo menos, una serie de datos (argumentos) que llevan a inferir una determinada tesis o conclusión. Argumentos y conclusión, por lo tanto, son los dos elementos fundamentales de todo texto argumentativo.

Fuente: <http://www.mecd.gov.es/brasil/dms/consejerias-exteriores/brasil/2014/publicaciones/lostextoseneldesarrollo.pdf>

30. Sobre el texto es **incorrecto** afirmar:

- A) El texto argumentativo no es una clara sino que un “entramado”.
- B) El texto es una unidad mínima de sentido.
- C) El sujeto enunciativo imagina un sujeto lector.
- D) El texto argumentativo debe presentar por lo menos dos partes, argumentos y conclusión.
- E) La publicidad es un buen ejemplo de texto argumentativo

La última imagen que su madre tenía de él era la de su paso fugaz por el dormitorio. La había despertado cuando trataba de encontrar a tientas una aspirina en el botiquín del baño, y ella encendió la luz y lo vio aparecer en la puerta con el vaso de agua en la mano, como había de recordarlo para siempre. Santiago Nasar le contó entonces el sueño, pero ella no le puso atención a los árboles.

- Todos los sueños con pájaros son de buena salud, dijo.

Lo vio desde la misma hamaca y en la misma posición en que la encontré postrada por las últimas luces de la vejez, cuando volví a este pueblo olvidado tratando de recomponer con tantas astillas dispersas el espejo roto de la memoria. Apenas si distinguía las formas a plena luz, y tenía hojas medicinales en las sienas para el dolor de cabeza terno que le dejó su hijo la última vez que pasó por el dormitorio. Estaba de costado, agarrada a las pitas del cabezal de la hamaca para tratar de incorporarse, y había en la penumbra el olor de bautisterio que me había sorprendido la mañana del crimen.

Apenas aparecí en el vano de la puerta me confundió con el recuerdo de Santiago Nasar. «Ahí estaba», me dijo. «Tenía el vestido de lino blanco lavado con agua sola, porque era de piel tan delicada que no soportaba el ruido del almidón.» Estuvo un largo rato sentada en la hamaca, masticando pepas de cardamina, hasta que se le pasó la ilusión de que el hijo había vuelto. Entonces suspiró: «Fue el hombre de mi vida».

Fuente: García Márquez, Gabriel. Crónica de una muerte anunciada. Disponible: <http://lenguayliteratura.org/hot/414/index.pdf>
.Acezado en 11 de marzo de 2015.

31. De acuerdo con el texto, se puede decir que:

- A) Santiago buscaba hojas medicinales en el día del crimen, tendría un fuerte dolor de cabeza.
- B) La vieja había visto a Santiago en la figura del narrador, que había pasado, como su hijo, en la puerta del salón.
- C) La madre de Santiago Nasar estaba charlando con el narrador sentada en la cama y con una hamaca en el brazo.
- D) El narrador ha participado de la escena del crimen y quiere reconstituirlo por medio de la memoria.
- E) La madre despertó cuando su hijo salía de casa, le vio pasar por el dormitorio.

Floyd Mayweather es el deportista mejor pagado del mundo

El boxeador estadounidense Floyd Mayweather es el deportista mejor pagado del mundo en el 2014, con una facturación de 105 millones de dólares según la revista Forbes, que dio a conocer este miércoles su ranking anual, informó AFP.

Mayweather encabeza la lista por tercer año consecutivo, por delante del futbolista portugués Cristiano Ronaldo, estrella del Real Madrid de España (80 millones) y el astro del baloncesto de la NBA y del Miami Heat, LeBron James (72,3 millones). El top-5 se completa con otro futbolista, el argentino Lionel Messi (64,7 millones) y el basquetbolista de Los Angeles Lakers Kobe Bryant (61,5 millones), quien se perdió casi toda la temporada 2014 por lesiones.

Mayweather, de 37 años, amasó su fortuna en las últimas dos peleas, la de finales de septiembre pasado contra el mexicano Saúl 'Canelo' Álvarez, y la de mayo último ante el argentino Marcos Maidana.

También ha sido el que más rápido la ha ganado, con sólo 72 minutos en el encordado. Apodado el "Money", Mayweather es el segundo atleta, después del ex número 1 del golf Tiger Woods, en superar el umbral de los 100 millones de dólares en ganancias, según Forbes. Campeón del mundo 11 veces en diferentes categorías y actual monarca welter del Consejo Mundial y la Asociación Mundial de Boxeo, Mayweather está invicto en 46 peleas, y en su carrera ha recaudado 400 millones en ingresos desde su debut profesional en 1996.

Woods, el mejor pagado del deporte en 11 de los últimos 12 años, cayó hasta la sexta posición (61,2 millones), al disminuir sus ingresos por su prolongada ausencia del circuito de la PGA debido a lesiones y a la finalización de su contrato con un editor de videojuegos.

La deportista mejor pagada es la tenista rusa Maria Sharapova, ganadora de cinco títulos de Gran Slam, en la 34 plaza con 24,4 millones de dólares. La rusa está por delante de la china Li Na (41 con 23,6 millones) y la estadounidense Serena Williams (55 con 22 millones).

Para este ranking, Forbes tuvo en cuenta no sólo los salarios, sino también los contratos de asociación y otras bonificaciones. El deporte con más cantidad de millonarios en el 'top-100' es el béisbol, con 27 jugadores, pero su representante mejor ubicado, el lanzador Cliff Lee de los Filis de Filadelfia, está ubicado en el 30 puesto con 25,3 millones de dólares. Le siguen el baloncesto (18), el football americano (17) y el fútbol (15). Por nacionalidades, los deportistas estadounidenses ocupan 60 plazas entre los 100 mejores pagados del mundo.

Disponibile: http://www.marca.com/2014/06/11/mas_deportes/otros_deportes/1402522680.html
Acezado en 11 de marzo de 2015.

32. Sobre el artículo es correcto decir:

- A) Mayweather ha ganado menos que Woods en el boxeo.
- B) El estadounidense construyó su fortuna al ganar de un argentino y de un portugués.
- C) Entre los deportistas los mejores pagados son los de fútbol americano
- D) Entre las deportistas, la estadounidense y la china ganan menos que la rusa.
- E) En este ranking no están las ganancias con contratos y bonificaciones.

UN HORRIBLE CRIMEN

Luis Mateo Díez

Bajo la luz del flexo la mosca se quedó **quieta**.

Alargué con cuidado el dedo índice de la mano derecha.

Poco antes de **aplastar**la se oyó un grito, después el golpe del cuerpo que caía.

En seguida llamaron a la puerta de mi habitación.

-La he matado -dijo mi vecino.

-Yo también -**musité** para mí sin comprenderle.

33. Las palabras destacadas pueden significar

1. quieta – que no tiene o no hace movimiento.
2. aplastar - deformar una cosa por presión o golpe.
3. musitar - susurrar o hablar entre dientes.

- A) Todas son correctas.
- B) Solo 1 es correcta.
- C) Solo 2 es correcta.
- D) 1 y 2 son correctas.
- E) 2 y 3 son correctas.

34. Relacione los heterosemánticos con sus significados en portugués:

1. La copa estaba llena.	a. Loja/Barraca
2. No he visto tal suceso .	b. cálice
3. La tienda estuve cerrada el mes pasado.	c. Agrião
4. A mí no me gusta el berro .	d. Violão
5. El director era zurdo .	e. Acontecimento / sucedido
6. La copa estaba llena.	f. Canhoto

- A) 1b, 2f, 3a, 4c, 5e, 6d.
- B) 1b, 2f, 3a, 4e, 5d, 6c.
- C) 1b, 2e, 3a, 4c, 5f, 6d.
- D) 1a, 2b, 3c, 4d, 5e, 6f.
- E) 1b, 2f, 3a, 4e, 5c, 6d.

35. Señale como errado (E) o correcto (C) el uso del régimen preposicional de los verbos destacados:

- () No se acostumbra de vivir en este clima.
- () No te fíes de Pablo.
- () Este plato sabe a chile.
- () Me he despertado con ganas de tomar dulce de leche.
- () Gabriela se acercó de mi padre

- A) E – C – E – C – E.
- B) E – C – C – C – E.
- C) C – C – E – C – E.
- D) C – E – E – C – E.
- E) E – C – E – C – C.

36. Marca la opción *incorrecta* con relación a la regencia verbal:

- A) José se despertó cansado.
- B) No me fío de sus intenciones.
- C) Llegamos a Punta Cana hace dos días.
- D) Discúlpeme por la interrupción.
- E) Me parezco con mi abuelo.

PARA UNA DIDÁCTICA DEL COMPONENTE CULTURAL EN CLASE DE E/LE

Con la aparición de los enfoques comunicativos en la didáctica de lenguas, se ha visto la necesidad de introducir el componente cultural en la enseñanza/aprendizaje de una lengua extranjera. En efecto, las investigaciones realizadas en el campo de la comunicación han puesto en evidencia la presencia de lo sociocultural en toda interacción (ya sea verbal, paraverbal o no verbal) entre individuos.

Hoy en día, somos ya muchos los que compartimos la idea de que en este proceso de aprendizaje no podemos concebir la enseñanza de la lengua desglosada de su entorno cultural, no podemos enseñar la lengua como un conjunto de reglas y de palabras, sino que tenemos que considerarla en su uso, es decir, en su dimensión social y cultural; abogando, por tanto, por un aprendizaje globalizador.

A pesar de que el aspecto cultural está cada día más presente en los métodos y manuales de E/LE, en la práctica todavía existen algunas reticencias a la hora de trabajarlo en clase. Esto se debe, por un lado, a que muchas veces los elementos culturales se presentan de manera más bien implícita en los diálogos o documentos auténticos, estando subordinados al desarrollo de la competencia lingüística. Por otro lado, si aparecen en textos explicativos que describen fenómenos sociales, institucionales o comportamentales, lo hacen a menudo como un complemento de información.

Pensamos que entrar en una cultura extranjera supone adquirir conocimientos, pero también habilidades de comunicación interpersonal. Esto significa desarrollar en el aprendiz capacidades a nivel pragmático para que pueda actuar de manera adecuada, pero también capacidades que le permitan “administrar” su aprendizaje: es decir, ser consciente de las distintas herramientas cognitivas de las que dispone para aprender. Sin embargo, estas capacidades no las explotará completa y óptimamente si no se tiene en cuenta un aspecto esencial: la dimensión afectiva, ya que aprender una cultura a través de una lengua es también, y sobre todo, querer descubrir al otro, así como aceptar implicarse a nivel personal con lo que se va descubriendo del otro.

DENIS y MATAS PLA Disponible: http://marcoele.com/descargas/expolingua_1999.denis-matas.pdf. Acezado en 10 de marzo de 2015.

37. Analice las sentencias debajo de acuerdo con el tratado en el texto arriba:

- I. En la actualidad es importante tratar de la enseñanza de ELE por medio de su entorno cultural.
- II. El aspecto cultural, cuando tratado en los manuales y en clase, figura como un complemento de información.
- III. El aprendizaje-enseñanza de una lengua va más allá de un conjunto de reglas y palabras, el texto presenta por lo menos 3 dimensiones didácticas.

Las alternativas **correctas** son:

- A) I y II.
- B) II y III.
- C) III.
- D) I y III.
- E) I, II y III.

EL PAPEL DEL PROFESSOR

Así vemos que al igual que el papel del estudiante ha cambiado también lo ha hecho el del profesor, este deja de ser el protagonista de la clase para ceder su puesto al aprendiente. Según Caldeiro G. y Vizcarra M.: *Enseñar y aprender, en este momento, exige una mayor flexibilidad espacio-temporal, personal y grupal, menos contenidos fijos y procesos más abiertos de investigación y de comunicación.* Las nuevas tecnologías implican un cambio en la forma de enseñar y aprender. El acceso a la información está al alcance de todos y es rápido y veraz por lo que la tarea del profesor debe reformularse.

Su papel no ha de ser solo el de transmitir información sino también el de saber observar la marcha del grupo. El profesor debe diseñar actividades que sean atractivas y explicarlas de forma que a los alumnos les quede clara su realización, acepte las sugerencias hechas por los mismos quienes participarán en todo momento en la toma de decisiones y el proceso general de la tarea o actividad que se lleva a cabo; debe facilitar la interacción entre profesor- estudiante y estudiante- estudiante, creando un clima de respeto y cooperación entre el grupo-clase y estimular la comunicación oral y escrita de los mismos; es importante que quite importancia a los errores para que los estudiantes no pierdan la confianza y la motivación. Un buen profesor debe tener en cuenta los diferentes perfiles de su estudiantes (edad, nacionalidad, intereses personales y profesionales, necesidades, etc...) o el perfil del grupo, para programar las actividades y el trabajo de clase según los intereses de los mismos; ha de impulsar la autonomía del aprendizaje y tener siempre en cuenta que la enseñanza es un proceso abierto y que debe ser revisado constantemente.

Para Llobera, M. (1999:115) *...el profesor debe saber callar, supervisar el trabajo realizado en grupo y actuar como observador de su propio grupo clase para no caer en el típico error de impedir el aprendizaje mediante la docencia.*

SIERRA, Marta. Texto adaptado de Cultura con "C" en la clase de ELE: Propuestas didácticas. Disponible en: http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Biblioteca/2010_BV_11/2010_BV_11_2_semestre/2010_BV_11_06DeLuis.pdf?documentId=0901e72b80e1a055. Acezado 12 de marzo de 2015.

38. Con respecto al papel de profesor se puede decir que:

- A) El profesor debe seguir un diseño básico de clase en el cual propone contenidos articulados a su punto de vista.
- B) El proceso de enseñanza-aprendizaje es tratado como algo que no puede ser cambiado ya que el personaje central de este el docente que tiene que atender a las demandas curriculares.
- C) El alumno tiene que respetar solamente al profesor, para que esto ocurra es necesario que la relación sea construida de manera a destacar la jerarquía tradicional de las clases.
- D) El error tiene que ser tratado como parte del proceso de aprendizaje, así los estudiantes pueden mantener el nivel de interés y seguridad.
- E) Los trabajos con textos escritos deben ser limitados a circulación profesor-alumno pues así es más fácil controlar el nivel de frustración de los estudiantes de ELE.

UNA LECTURA GRADUADA HIPERTEXTUAL: VENTAJAS DEL HIPERTEXTO EN LA ENSEÑANZA DE E/LE

Las nuevas tecnologías han revolucionado muchas de las áreas de estudio en el campo de la enseñanza del Español como Lengua Extranjera (E/LE), entre ellas la de la comprensión lectora. No obstante, a pesar de la existencia de material de lectura en formato hipertextual, no hay mucho publicado en el ámbito de la lectura extensiva y en concreto, en el de las lecturas graduadas; es decir, no tenemos demasiado material en forma de historias originales no adaptadas, escritas con fines didácticos en las cuales una serie de personajes se ven envueltos en una trama con un desenlace final. En esta comunicación se pretende alcanzar dos objetivos: (1) en primer lugar, y con el fin de contribuir en el campo del diseño de material de lectura multimedia, proponer un modelo de lectura graduada que, aprovechando todas aquellas características que diferencian al hipertexto de un texto tradicional, explote todas las ventajas que ofrece este formato para la práctica de la lectura extensiva en E/LE; (2) en segundo lugar, y con el fin de analizar desde el punto de vista cognitivo la comprensión textual en entornos multimedia, describiremos el modelo cognitivo de Chun y Plass (1997) y su repercusión en el diseño de ayudas multimedia para la comprensión lectora.

El modelo de lectura graduada que aquí proponemos es del tipo "Elige tu propia aventura". Es decir, el lector, de manera interactiva y a medida que lee, decide, de entre una serie de opciones, cómo va a continuar la historia. El formato hipertextual y su sistema de enlaces electrónicos permite que el paso de una opción a otra sea rápido y práctico, pudiendo el alumno, en caso de que no le guste la opción elegida, volver atrás y elegir otra de las opciones propuestas sin necesidad de pasar páginas, perder el punto, marcar las páginas con encrucijadas para volver a ellas más tarde, etc. Si el alumno está satisfecho con la opción elegida, pero llega a uno de los varios finales, puede empezar la lectura de nuevo, o si lo prefiere, volver, siempre por medio de enlaces electrónicos, a la última encrucijada. Esta opción aparece siempre que hay un final u otra encrucijada. De esta manera el alumno no siente que se está perdiendo una de las muchas aventuras que ofrece la lectura puesto que sabe que siempre tendrá acceso a todos los caminos existentes.

Martínez, Bárbara M. Texto Adaptado. Disponible:

http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/12/12_0375.pdf. Acezado en 12 de marzo de 2015.

39. El texto:

1. Propone una lectura graduada dentro de un formato hipertextual.
2. Comprende que la lectura ocurre de manera igual sea en el formato hipertextual o formato impreso.
3. Apunta que el lector de este nuevo formato tiene una libertad dentro de las encrucijadas del texto.

- A) Es verdadero 1.
- B) Es verdadero 1 y 2.
- C) Es verdadero 2.
- D) Es verdadero 1 y 3
- E) Es verdadero 3.

TÁCTICA Y ESTRATEGIA

Mi táctica es
 mirarte
aprender como sos
quererte como sos

mi táctica es
 hablarte
y escucharte
construir con palabras
un puente indestructible

mi táctica es
quedarme en tu recuerdo
no sé cómo ni sé
con qué pretexto
pero quedarme con vos

mi táctica es
 ser franco
y saber que sos franca
y que no nos vendamos
simulacros
para que entre los dos
no haya telón
 ni abismos

Mi estrategia es
en cambio
más profunda y más
 simple

Mi estrategia es
que un día cualquiera
no sé cómo ni sé
con qué pretexto
por fin me necesites.

BENEDETTI, Mario. Disponible: http://www.ciudadseva.com/textos/poesia/ha/benedetti/tactica_y_estrategia.htm Acezado 12 de marzo de 2015.

40. Analizando el poema puede decirse que son verdaderas las alternativas:

- I. I. "Puente" es un sustantivo masculino, pero que antiguamente podría ser femenino.
- II. II. El yo lírico utiliza el voseo para referirse a su amada.
- III. III. Simulacro tiene sentido de "Ficción, falsificación".

- A) I.
- B) I y II.
- C) II.
- D) II y III.
- E) Todas las alternativas.